



TENSÃO INTERNACIONAL

Forças dos EUA teriam bombardeado uma "instalação de atracação" no litoral do país caribenho, supostamente usada pelo narcotráfico. Governo de Caracas não se pronuncia sobre o incidente, que marcaria uma nova etapa na ofensiva militar

Trump cita ataque terrestre à Venezuela

Jim Watson/AFP



O presidente dos EUA fala sobre a crise: "Eles (os narcotraficantes) tinham uma grande instalação, mas a eliminamos"

legitimidade, porém, não é contestada por Washington, ao contrário do que acontece com Maduro. Embarcações partidas da Colômbia estão entre os alvos atingidos desde setembro pelas forças norte-americanas, e Petro recorre a instâncias internacionais para acusar Trump de homicídio. Também o México é objeto de ameaças.

A declaração passou despercebida, de início, mas ontem o próprio Trump confirmou o ataque, sem esclarecer, porém, se teria tido participação da Agência Central de Inteligência (CIA) ou de outro organismo da área de informações. "Sei exatamente quem foi, mas não quero falar sobre isso", arrematou, respondendo a um repórter que quis saber sobre o papel das forças militares na ação.

Guerra às drogas

A Operação Lança do Sul é apresentada pela Casa Branca como uma abordagem militar contra os cartéis, destinada a impedir a entrada de drogas, principalmente a cocaína, no território norte-americano. Embora tenha como alvo mais explícito a Venezuela, se estende à Colômbia, maior produtora mundial de cocaína e, como a vizinha, governada por um presidente de esquerda, Gustavo Petro — cuja

Houve uma grande explosão na área de um cais onde eles carregam as embarcações com drogas

Donald Trump, presidente dos EUA

2000, outro presidente republicano, George W. Bush, enquadrou o combate ao narcotráfico em sua "guerra ao terror", declarada após os atentados de 11 de setembro de 2001. As Farc por fim depuseram as armas em 2018, nos marcos de um acordo de paz, mas a Colômbia segue sendo a maior produtora de cocaína.

"Pirataria"

O governo venezuelano não havia confirmado nem desmentido o ataque mencionado por Trump até o início da noite. Nos últimos dias, o arresto em sequência

de petroleiros supostamente oriundos da Venezuela, e o confisco da sua carga pelas forças dos EUA, levou Maduro a protestar contra o que classificou como "pirataria". O governo de Caracas denunciou a ofensiva lançada por Trump, que inclui o fechamento do espaço aéreo venezuelano, como parte de uma campanha destinada a mudar pela força o regime.

O tema foi objeto de debate — e de controvérsia — na recente cúpula do Mercosul, realizada em Foz do Iguaçu sob presidência rotativa do Brasil. O presidente Lula criticou na ocasião a "ingerência extrarregional" em assuntos políticos domésticos de um vizinho sul-americano e chegou a propor uma declaração conjunta reafirmando a América do Sul como "zona de paz". Diante da oposição do presidente da Argentina, Javier Milei, apoiado por outros governantes de direita, não foi adotado um comunicado do bloco sobre a crise.

Zelensky nega drones contra casa de Putin

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, desmentiu ontem que suas forças tenha lançado drones contra uma das casas do governante russo, Vladimir Putin, e acusou o Kremlin de usar uma "mentira" com o objetivo de "preparar terreno" para novos ataques contra a capital ucraniana, Kiev. De acordo com o chanceler Sergei Lavrov, a Ucrânia lançou durante a noite 91 drones contra uma "residência oficial" na região de Novgorod, mas todos teriam sido abatidos pela defesa aérea.

A ofensiva, prosseguiu Lavrov, "foi realizada em plena fase de intensas negociações entre a Rússia e os Estados Unidos sobre a resolução do conflito ucraniano, e não ficará sem resposta". As acusações de Moscou lançam dúvidas sobre o futuro das negociações diplomáticas que se desenvolvem desde novembro para tentar acabar com o conflito mais letal registrado na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

"Mais uma mentira da Federação da Rússia", protestou Zelensky durante um encontro virtual com jornalistas. "Eles não querem que a guerra termine", disparou. O presidente ucraniano acrescentou informações sobre a reunião que teve no fim de semana com o colega norte-americano, Donald Trump, para finalizar um plano de paz. Ambos consideraram o encontro "muito positivo", embora persistam "questões importantes" a resolver — em especial, a cessão de territórios por parte de Kiev.

Zelensky afirmou que Trump teria concordado em dar "garantias de segurança" a seu país por um período de 20 anos, renovável. Originalmente, a pretensão ucraniana era de ter essas garantias por 50 anos, como contrapartida a renunciar ao ingresso na Otan, a aliança militar chefiada pelos EUA.

"Isso não está confirmado", disse Trump sobre o ataque, ao conversar com a imprensa na Flórida. O presidente admitiu que estava "muito irritado" com as informações desencontradas em torno de um possível atentado contra a vida de Putin, justamente quando seu governo se empenha em buscar uma saída diplomática para o conflito. "Este é um período delicado. Não é o momento certo", lamentou.

ORIENTE MÉDIO

EUA insistem em desarmar o Hamas

Donald Trump saiu ontem de uma reunião com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, reafirmando que o prosseguimento do acordo de cessar-fogo no território palestino da Faixa de Gaza, com a passagem à fase seguinte do processo de paz, está condicionado ao desarmamento do Hamas. Horas antes do encontro, o braço armado do movimento islâmico insistiu em que não entregaria o arsenal enquanto perdurar "a ocupação" israelense.

"É necessário que o Hamas se desarme", disse Trump em sua residência no resort de Mar-a-Lago, na Flórida, ao lado do visitante. Ele reforçou que Israel "cumpriu sua parte" no plano de paz e alertou que o movimento palestino "vai pagar caro" se retardar a entrega das armas. "Nunca tivemos na Casa Branca um amigo como o presidente Trump", festejou o premiê israelense.

O quinto encontro entre os dois nos

11 meses desde o retorno do presidente à Casa Branca foi solicitado por Netanyahu, que conta com o apoio dos EUA para enfrentar os impactos de dois anos do conflito iniciado com um ataque dos islamistas, em outubro de 2023. A ação deixou mais de 300 mortos do lado israelense. Desde então, a represália custou a vida de mais de 60 mil palestinos — na maioria, civis.

Nos planos da Casa Branca, janeiro de 2026 deveria marcar a transição para uma nova etapa, com o território sob administração de um "governo tecnocrático", composto por palestinos, mas sem participação do Hamas ou de outro movimento ou partido político. Paralelamente, Israel começaria a retirada paulatina de suas tropas, embora não tenha sido definida a eventual permanência de contingentes para garantir uma "zona tampão" entre Gaza e o sul israelense. O acordo prevê também a entrada de uma força



O premiê israelense fala à imprensa na Flórida: jogo de pressões com o governo Trump

internacional de estabilização.

"Nosso povo está se defendendo e não entregará as armas enquanto a ocupação continuar", afirmaram, em mensagem

de vídeo, as Brigadas Ezzedine al-Qassam, braço armado do Hamas. O grupo também confirmou a morte de seu porta-voz, Abu Obeida, meses depois de

Israel anunciar que ele havia sido atingido em um ataque aéreo, em Gaza, em 30 de agosto.

O gabinete de Netanyahu informou que, antes da conversa com Trump, ele se reuniu com o secretário de Estado Marco Rubio e o titular da Defesa, Pete Hegseth, também na Flórida. O premiê procura ainda convencer Trump a realizar mais ataques contra o programa nuclear do Irã, devido "ao perigo que (o regime islâmico de Teerã) representa, não apenas para a região do Oriente Médio, mas também para os próprios Estados Unidos", indicou a porta-voz Shosh Bedrosian. "Espero que não estejam tentando voltar a acumular armas", afirmou o presidente à imprensa, ao lado do visitante. "Porque, se estiverem, não teremos outra opção além de erradicar muito rapidamente essa acumulação."

O cessar-fogo em Gaza, anunciado em outubro, é uma das principais conquistas diplomáticas do primeiro ano de Trump em seu retorno ao poder, mas sua administração e os mediadores regionais pretendem manter o ímpeto. O enviado especial Steve Witkoff e o genro do presidente, Jared Kushner, receberam no início do mês funcionários de alto escalão dos países mediadores: Catar, Egito e Turquia.